

Lula assume, promove revogação e diz que quer governar para todos



Lula enaltece democracia, revoga atos de Bolsonaro e oscila de união a polarização

★Posse é realizada sem antecessor ★ Combate à desigualdade será marca, diz petista ★ Atos sobre armas e sigilos são revistos

BRASÍLIA. Luiz Inácio Lula da Silva (PT), 77, e Geraldo Alckmin (PSB), 70, assumiram os cargos de presidente e vice-presidente da República, respectivamente, na tarde deste domingo (1º), após quatro anos de uma gestão Jair Bolsonaro (PL) marcada por tensões, polarização e ataques à democracia que se estenderam até a posse do novo governo.

Com Brasília tomada por milhares de apoiadores e após semanas de preocupação com a segurança, Lula recebeu a faixa de um grupo plural de cidadãos devido à recusa de Bolsonaro de entregá-la ao sucessor, rompendo uma tradição democrática. O ex-presidente viajou aos EUA na última sexta (30) e passou a virada de ano por lá.

Lula assumiu a Presidência pela terceira vez, eleito com 50,9% dos votos válidos no segundo turno, contra 49,1% de Bolsonaro. Foi a primeira vez que um presidente perdeu a disputa pela reeleição no país.

Logo de cara, Lula revogou uma série de atos de Bolsonaro — entre outros, medidas sobre armas e na área ambiental, além da determinação para que a CGU (Controladoria-Geral da União) reavalié em 30 dias os sigilos decretados pelo antecessor.

Em seus discursos, Lula criticou a herança deixada por Bolsonaro, afirmou que a situação do país é estancada, enalteceu a democracia e a atuação do Judiciário no processo eleitoral e oscilou entre a união nacional e a polarização.

De um lado, repetiu a promessa de governar para todos, não só para seus eleitores, e descartou revanchismo. De outro, fez duras críticas à gestão Bolsonaro (com palavras como “devastação”, “desmonte” e “destruição”) e atacou “a minoria violenta e antidemocrática” que “tentava censurar nossas cores e se apropriar do verde-amarelo”.

Lula também disse que não abrirá mão de responsabilizações: “Não carregamos nenhum ânimo de revanche contra os que tentaram subjugar a nação a seus desígnios pes-

PADILHA DIZ QUE VAI CONVERSAR COM BASE DE BOLSONARO E QUE CENTRO NÃO EXISTE

O futuro ministro das Relações Institucionais, Alexandre Padilha, afirmou neste domingo (1º)

que o governo do presidente Luiz Inácio Lula da Silva (PT) vai procurar partidos que integram a base de Jair Bolsonaro (PL) no Congresso e disse que

centro é um conceito que “não existe”. Padilha falou ao chegar no

Congresso para a cerimônia de posse de Lula. Ao ser questionado sobre como o governo do petista lidaria com o centro e com as emendas de relator, usadas durante

o governo de Jair Bolsonaro como moeda de negociação política, o ministro rejeitou a expressão. “Esse conceito [de centro] para mim não existe. O centro é um apelido, um conceito que, para mim, não existe”.

sois e ideológicos, mas vamos garantir o primado da lei. Quem errou responderá por seus erros, com direito amplo de defesa, dentro do devido processo legal”.

Em seu segundo discurso, no parlamento, apoiadores do petista gritaram “semanista” após Lula ler trecho de um relatório produzido pela equipe de transição com um diagnóstico do país sob Bolsonaro.

No final da tarde, Lula assinou um pacote de medidas sobre esse e outros temas.

No controle de armas, por exemplo, suspendeu a autorização de novos clubes de tiro até uma nova regulamentação, além do registro de novas armas de uso restrito de CACs (Caçadores, Atradores e Colecionadores). No combate ao desmatamento, reestabeleceu o Fundo Amazônia, alimentado por doações internacionais e que foi inviabilizado pelo governo Bolsonaro.

Mais cedo, quando começaram as solenidades formais de posse, Lula foi recebido no Congresso pelos presidentes do Senado, Rodrigo Pacheco (PSD-MG), e da Câmara, Arthur Lira (PP-AL). Pacheco pediu um minuto de silêncio a Pelé, que morreu na semana passada, e ao papa emérito Bento 16, que morreu no sábado (31).

O petista e Alckmin inauguraram o terceiro volume do livro escrito à mão que reúne, desde 1891, os termos de posse. Ovationado, Lula disse usar a caneta que ganhou de uma pessoa no Piauí em 1989.

Em seu primeiro discurso, Lula afirmou que a democracia venceu as eleições e defendeu o sistema eletrônico de votação, após um pleito marcado por ataques de Bolsonaro.

“Se estamos aqui hoje é graças à consciência política da sociedade brasileira e à frente democrática que formamos ao longo dessa histórica campanha eleitoral. Foi a democracia a grande vencedora nesta eleição”, declarou.

Lula fez um agradecimento ao que chamou de “atitude corajosa do Poder Judiciário, especialmente do TSE (Tribunal Superior Eleitoral)”.

Também anunciou a revo-

gação de decreto de armas e munições, atingindo assim uma das principais bandeiras de Bolsonaro.

“Estamos revogando os criminosos decretos de ampliação do acesso a armas e munições, que tanta insegurança e tanto mal causaram às famílias brasileiras. O Brasil não quer mais armas; quer paz e segurança para seu povo”.

Assim como fez após vencer as eleições, em 30 de outubro, Lula disse que enfrentou na campanha “a maior mobilização de recursos públicos e privados que já se viu”.

Afirmou também que enfrentou “a mais objetiva campanha de mentiras e ódio tramada para manipular e constranger o eleitorado brasileiro” e que “nunca os recursos do Estado foram tão desvirtuados em proveito de um projeto autoritário de poder”.

Ao citar a pandemia da Covid-19, classificou a resposta do governo Bolsonaro à crise sanitária como criminoso, obscurantista, negacionista e insensível à vida.

Lula lembrou seu primeiro discurso de posse, em 2003, quando colocou o combate à fome como uma das prioridades do governo que começava naquele ano.

“Ter de repetir esse compromisso no dia de hoje, diante do avanço da miséria e do regresso da fome que havíamos superado, é o mais grave sintoma da devastação que se impôs ao país nos anos recentes”.

O presidente também defendeu em seu discurso a responsabilização pelo que chamou de genocídio durante a pandemia e pelo que definiu como atos de terror e violência.

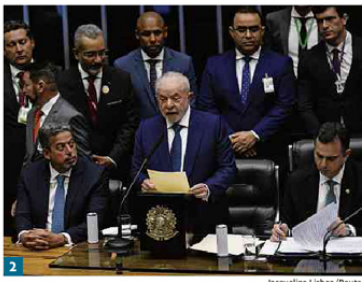
“O mandato que recebemos, frente a adversários inspirados no fascismo, será defendido com os poderes que a Constituição confere à democracia. Ao ódio responderemos com amor. À mentira, com a verdade. Ao terror e à violência responderemos com a lei e suas mais duras consequências”.

O período de transição teve episódios de violência. Em dezembro, horas após a diplomação de Lula, um grupo de

Continua na pág. A5



Eduardo Anzelli/Folhapress



Jacqueline Lisboa/Reuters



Pedro Ladeira/Folhapress

Continuação da pág. A4

bolsonaristas tentou invadir o prédio da Polícia Federal — para onde um apoiador do ex-presidente havia sido levado após ordem judicial — e promoveu atos de vandalismo pelas ruas de Brasília, ateando fogo em carros e ônibus.

Dias depois, as autoridades encontraram um explosivo em um caminhão nas imediações do aeroporto de Brasília. A bomba foi instalada por um bolsonarista que, em depoimento, disse acreditar que as explosões dariam início ao caos que levaria à decretação do estado de sítio no país.

Na economia, o presidente fez um discurso voltado à participação das instituições de Estado no desenvolvimento do país; disse que uma nova legislação trabalhista será formulada; e chamou o teto de gastos de estupidez, lembrando que ele será revogado.

Lula, em seu discurso, também fez questão de ressaltar que foi apoiado por uma frente democrática para “impedir o retorno do autoritarismo ao país”. “Sob os ventos da redemocratização, dizíamos: ditadura nunca mais! Hoje, depois do terrível desafio que superamos, devemos dizer: democracia para sempre!”

Depois de ser empossado no Congresso e receber a faixa, Lula falou no parlatório do Palácio do Planalto na Praça dos Três Poderes.

“Quero me dirigir também aos que optaram por outros candidatos. Vou governar para os 215 milhões de brasileiros e brasileiras, e não apenas para quem votou em mim. Vou governar para todas e todos, olhando para o nosso luminoso futuro em comum, e não pelo retrovisor de um passado de divisão e intolerância.”

No discurso, Lula chorou ao falar sobre desempregados que pedem ajuda em semáforos ou buscam restos de comida em açougues.

Depois de pregar a união, Lula criticou o que chamou de “minoria radicalizada que se recusa a viver num regime democrático”, numa referência a apoiadores radicais de Bolsonaro que acamparam em frente a quartéis militares para pedir um golpe das Forças Armadas contra a posse do petista.

Ele se referiu ao impedimento da ex-presidente Dilma Rousseff como um “golpe” — termo não usado por ele no Legislativo — e colocou como meta o combate à desigualdade. “Esta será a grande marca do nosso governo.” Lula convocou a população a se juntar em um “mutirão contra a desigualdade”.

O petista ainda afirmou que a população deve estar sempre pronta para reagir, “em paz e em ordem”, a ataques

“ Não carregamos nenhum ânimo de revanche contra os que tentaram subjugar a nação a seus desígnios pessoais e ideológicos, mas vamos garantir o primado da lei. Quem errou responderá por seus erros, com direito amplo de defesa, dentro do devido processo legal

Estamos revogando os criminosos decretos de ampliação do acesso a armas e munições, que tanta insegurança e tanto mal causaram às famílias brasileiras. O Brasil não quer mais armas; quer paz e segurança para seu povo

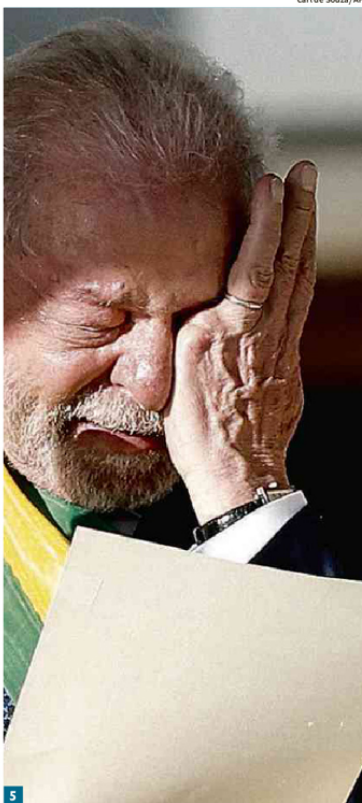
Quero me dirigir também aos que optaram por outros candidatos. Vou governar para os 215 milhões de brasileiros e brasileiras, e não apenas para quem votou em mim

Lula após ser empossado com presidente

contra a democracia. “Usaremos as armas que nossos adversários mais temem: a verdade, que se sobrepôs à mentira, a esperança, que venceu o medo, e o amor, que derrotou o ódio”, disse Lula. Bruno Boghossian, Carolina Linhares, Catia Seabra, César Feitoza, Constança Rezende, Danielle Brant, Julia Chaib, Marianna Holanda, Mateus Vargas, Matheus Teixeira, Ranier Bragon, Thaísa Oliveira, Thiago Resende e Victoria Azevedo



Carl de Souza/AFP



Gabriela Bló/Folhapress

1 Lula no alto da rampa do Planalto ao lado de pessoas que simbolizavam a diversidade 2 Petista discursa no Congresso, ao lado de Arthur Lira (esq.) e Rodrigo Pacheco 3 Casais Lula e Janja e Alckmin e Lu desfilam em carro aberto 4 Agente de segurança segura arma anti-drone 5 Lula chora ao fazer discurso no parlatório do Palácio do Planalto para público

Veículo: Impresso -> Jornal -> Jornal Folha de S. Paulo

Seção: Política **Caderno:** A **Página:** 4 + 5